

# O Castro da Curalha

## 8.<sup>a</sup> Campanha de escavações—1982

POR

**Adérito Medeiros Freitas \***

Prof. efectivo da E. S. Martins Sarmento, Guimarães  
Sócio da Sociedade Portug. de Antrop. e Etnol.

e

**J. R. dos Santos Júnior \*\***

Prof. catedrático jubil. da F. C. da Univ. do Porto  
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica  
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

Nesta campanha prosseguiram o estudo e os trabalhos de conservação e restauração do Castro da Curalha, que, à medida que vai sendo desbravado, vai aumentando o seu bem marcado interesse arqueológico.

Pelas muitas casas postas em fiada a enfrentar possíveis arruamentos, casas contíguas de paredes meias, que têm sido consideradas como típicas do séc. IV, àquele castro poderá ser-lhe atribuída cronologia do final da época romana ou até ulterior.

No entanto, enquanto não se proceder a escavações sistemáticas, o que até agora não tem sido possível fazer, é cedo para aventar com segurança a sua cronologia que, quiçá, se estenderá ao período suévico.

---

\* Rua Saraiva Brandão. 260 8.º - Dto. — 4800 Guimarães.

\*\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

É nosso intento prosseguir no estudo e valorização do Castro da Curalha com as ajudas que nos forem dadas.

Também nesta 8.<sup>a</sup> campanha, os trabalhos se repartiram por duas tarefas.

A primeira, em Setembro, por A. M. F. e a segunda em Outubro, por S. J., de que a seguir se dá conta.

#### TAREFA EM SETEMBRO DE 1982 POR A. M. F.

##### *Considerações gerais*

Iniciámos, esta campanha, apenas a 13 de Setembro. Tal facto deveu-se à necessidade da presença de um dos elementos (Adérito Medeiros Freitas) na Escola Secundário Martins Sarmiento, em Guimarães, aquando da realização dos exames de Geologia do 12.<sup>o</sup> Ano. Trabalharam nesta campanha, além do elemento acima referido e do responsável superior por todos os trabalhos, Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, mais sete pessoas:

Luís Albino dos Santos Lemos, António Jorge Medeiros Ribeiro, Joaquim Augusto dos Santos, Diamantino Augusto Alves, Luís Manuel Medeiros Ribeiro, Henrique Manuel Teixeira Antas e Rui Manuel dos Santos Oliveira Lemos.

Infelizmente e devido a necessidades pessoais perfeitamente justificadas, nem todos os elementos deste grupo trabalharam no decurso de toda a campanha. Se tal não tivesse acontecido, alguns problemas relacionados com alterações no hipotético alinhamento da segunda muralha e que só se nos depararam nos últimos dias, teriam ficado resolvidos. De qualquer modo, totalizámos 88 dias de trabalho, isto é, 724 horas.

Das sete pessoas referidas só uma, Rui Manuel dos Santos Oliveira Lemos nunca tinha trabalhado na Curalha. Quanto aos outros elementos, todos têm uma larga experiência destes trabalhos e sabem quais os cuidados que os mesmos exigem.

*Trabalhos realizados*

Como já referimos nos relatórios de outras campanhas, nenhum trabalho de escavações propriamente dito pode ser realizado no Castro da Curalha, sem que se faça a remoção dos milhares de toneladas de pedras soltas, de granito, algumas de grandes dimensões, que se amontoam dentro e fora da muralha central do topo fortificado e que, nalgumas áreas, atinge cerca de dois metros de espessura. Evidentemente que, segundo os nossos cálculos, cerca de 80 % do material granítico utilizado na construção desta extraordinária fortificação, foi gasto, desde possivelmente a fundação da povoação de Curalha, na construção de casas, vedação de propriedades e, mais recentemente, na pavimentação de ruas. No entanto e apesar dessa destruição, a muralha central tem já, nalguns troços, mais de três metros de altura e a segunda muralha atinge, também nalguns troços, mais de dois metros.

Do exposto se depreende que sejam prioritários os seguintes trabalhos:

*O corte do mato numa área em volta da muralha central e que, anualmente se vai alargando a fim de se conhecer a verdadeira extensão desta fortificação, e a reposição, nas muralhas e nas casas que vão sendo assiladas, das pedras caoticamente amontoadas.*

O corte do mato numa área que, anualmente, se vai alargando, tem-nos fornecido dados novos contrariando, por vezes, hipóteses já formuladas que, à partida e de acordo com os elementos até então recolhidos, pareciam possuir um elevado grau de probabilidade. Assim, no relatório da 7.<sup>a</sup> Campanha de Escavações no Castro da Curalha (Trabalhos de Antropologia e Etnologia Fasc. 2, vol. 25, pág. 266, Porto, 1982), escrevemos:

*«Tudo parece indicar que esta segunda muralha não envolve inteiramente a muralha central. Os dados recolhidos apontam para a sua existência na vertente menos inclinado do monte (E, N e W), faltando a Sul. Possivelmente ela irá entron-*

com a muralha central. Com o corte do mato na vertente Sul, a efectuar na próxima campanha de 1983 pensamos poder negar ou confirmar esta hipótese. Além da não identificação, até este momento, de outros redutos muralhados na vertente Sul, esta hipótese é ainda apoiada pelo facto de, quer a E, quer a W, a segunda muralha agora posta a descoberto, se aproximar cada vez mais da muralha central, o que significa que a distância entre estas muralhas não varia regularmente.

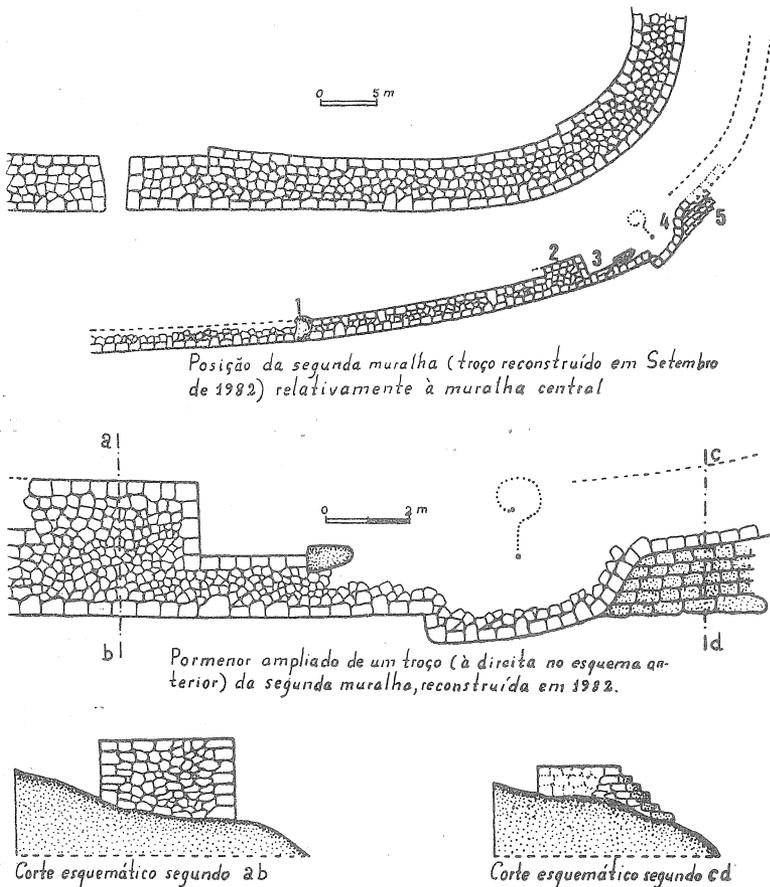


Fig. 1 — Troço da segunda muralha reconstruído em Setembro de 1982 e sua posição relativamente à muralha central.

Ao contrário do que tudo parecia indicar, esta hipótese não se confirmou. O corte do mato a partir da porta E e para S, bem como entre as portas N e NW, numa área em volta da muralha de, aproximadamente, 25 m de largura, mostrou-nos que a segunda muralha, perfeitamente identificada na vertente Norte (de menor declive) prossegue relativamente próximo da muralha central, mas envolvendo-a totalmente. Mesmo depois de cortado o mato, esta segunda muralha está, nalguns troços, totalmente oculta pelas pedras caídas da muralha central, dado que muito contribuiu para a formulação da hipótese anteriormente referida.

A distância entre estas duas muralhas internas do Castro da Curalha é, pois, muito variável. Enquanto que o seu máximo afastamento, a N, deve rondar os 12 metros, a distância entre as duas muralhas deve constituir, a S, uma passagem relativamente estreita que poderá não ultrapassar, nalguns troços, os dois metros de largura.

Admitimos que, na próxima campanha de Setembro de 1983, possamos cortar todo o mato e pôr a descoberto esta segunda muralha em toda a sua extensão.

#### *Reposição das pedras nas muralhas*

A reposição das pedras nas muralhas fez-se, este ano, só nas duas muralhas mais internas, principalmente na segunda. Devido à grande quantidade de pedras acumuladas, o prosseguimento desta tarefa implica, em 1983, o início da reposição de pedras na terceira muralha, já perfeitamente identificada a N e NW.

Na muralha central foram reconstruídos dois troços da sua face externa, entre as portas E e SW, numa extensão de, respectivamente, 6 e 4 m e até uma altura média de 1,5 m. Iniciámos, ainda, a reconstrução de um outro troço destruído até à base mas, como já foi referido, tal tarefa só pode ser concluída, dada a grande quantidade de pedras acumuladas, quando

iniciarmos, nesta zona, a reconstrução da segunda muralha, programada para a campanha de 1983.

Os primeiros trabalhos de reconstrução da *segunda muralha* (Figs. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8) foram realizados, nesta campanha, na vertente voltada para Curalha, isto é, na vertente norte.

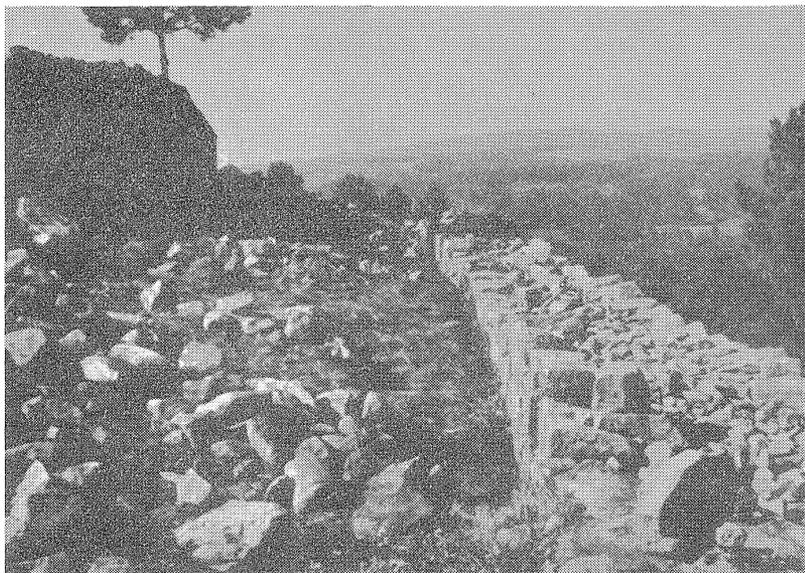


Fig. 2 — Segunda muralha. Troço reconstruído em toda a sua espessura (2 m). À esquerda vê-se a muralha central.

Depois de cortado o mato e removidas, parcialmente, as pedras ali amontoadas, encontrámos um troço ainda perfeitamente conservado, tendo nalguns pontos e na sua face externa, cerca de 2 m de altura. Desta muralha cuja estrutura não apresenta a regularidade da muralha central reconstruímos cerca de 56 m, dos quais:

a) Um troço, com 19,10 m, só foi reconstruído na sua face externa. A terra e a enorme quantidade de pedras acumuladas associados a um forte declive, obrigou-nos a proceder

deste modo. Não sabemos se, devido ao declive, o alinhamento interno ainda existirá; é que, infelizmente, esta constitui a área mais destruída do Castro da Curalha.



Fig. 3 — Segunda muralha. A face externa atinge, por vezes mais de 2 m de altura.

Nestes 19,10 m a face externa da muralha foi levantada até um mínimo de 1,0 m e um máximo de 1,45 m (Fig. 5). Pelos factos apontados não se conhece a sua verdadeira largura. No entanto e por comparação com o outro troço desta muralha já perfeitamente delimitado e que se lhe segue em perfeita continuidade para N, julgamos que a sua largura deve rondar os 2 m.

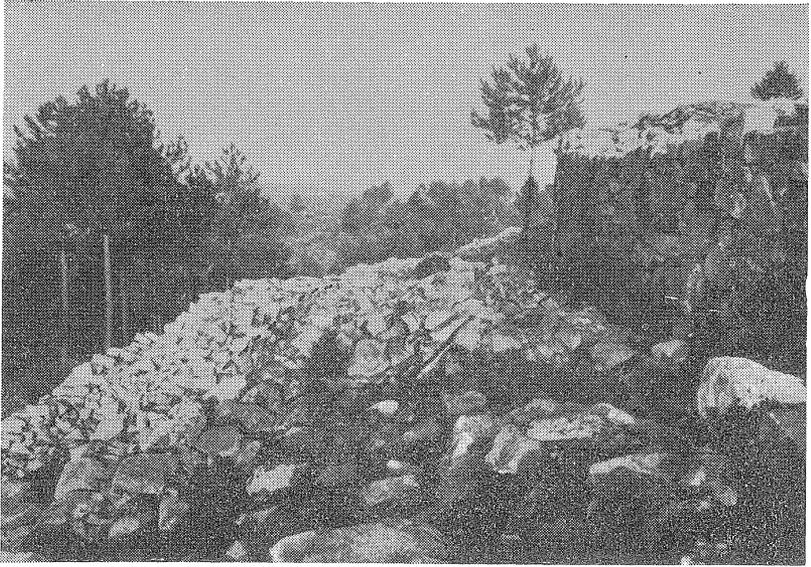


Fig. 4 — Posições relativas da muralha central (à direita) e da segunda muralha (à esquerda).

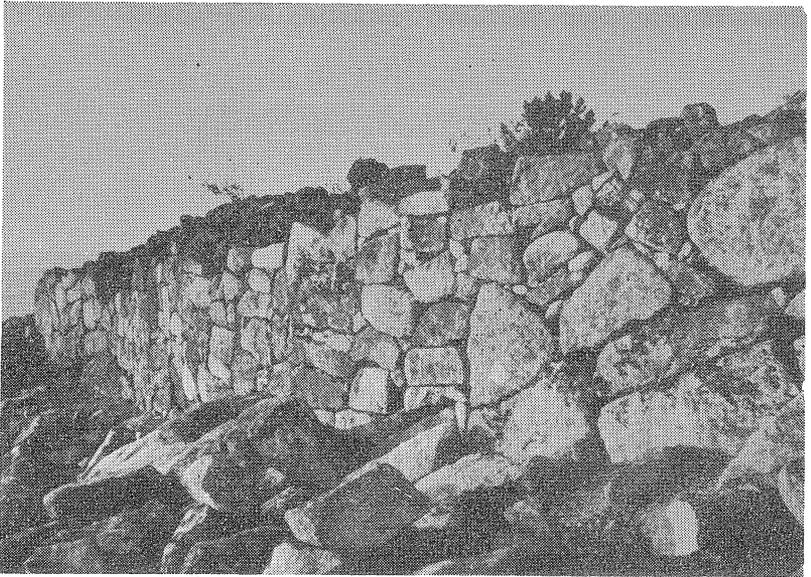


Fig. 5 — Face externa da segunda muralha correspondente ao troço com 19,10 metros.

b) Um outro troço, situado a W do anterior, foi reconstruído numa extensão de 33 m. Este troço está ligado ao anterior por um grande monólito de granito <sup>(1)</sup> no qual, para facili-



Fig. 6 — Segunda muralha, mostrando uma saliência com 70 cm.

tar o «assento» das pedras da muralha, é bem visível uma área picada e aplanada. Neste troço a segunda muralha aproxima-se gradualmente da muralha central. Numa extensão de 24 m tem 2 m de largura. Os quatro metros seguintes apresentam uma largura de 3,30 m <sup>(2)</sup> para, em seguida, e numa extensão

---

(1) Ver fig. 1.

(2) Ver fig. 1.

de 2,65 m, a largura se reduzir, apenas a 1,5 m<sup>(3)</sup>, aumentando, em seguida, para valores que ainda não conhecemos.

Tudo parece indicar a existência aqui, de uma rampa de acesso a uma espécie de torreão. Tal rampa seria muito mais

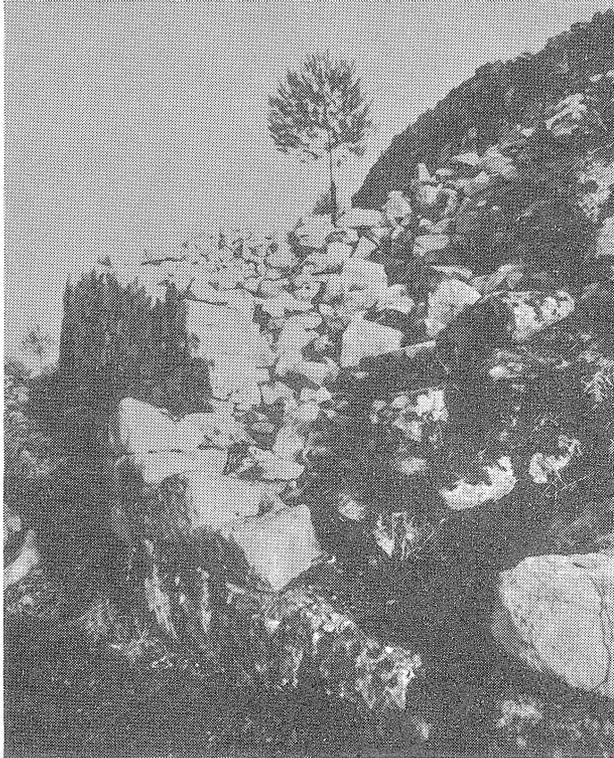


Fig. 7 — Segunda muralha. Face externa e saliência. À direita, a muralha central.

larga do que as rampas até agora conhecidas na muralha central, pois teria uma largura de 1,90 m; o torreão possuiria, assim, uma área de 13,2 m<sup>2</sup>, isto é, 4 m de comprimento por 3,30 m de largura.

---

(<sup>3</sup>) Ver fig. 1.

Os 2,65 m da muralha a seguir ao torreão e nos quais a sua largura se reduz a 1,5 m, correspondem a uma reentrância na própria muralha, que poderia mesmo ser coberta e funcionar, assim como abrigo para os defensores desta área do castro.



Fig. 8 — Estrutura de suporte (?) em forma de degraus. O tracejado indica-nos o alinhamento externo da segunda muralha.

A estrutura desta segunda muralha apresenta,, em seguida, uma saliência de 70 cm na sua face externa (Figs. 6 e 7) para, 4,90 m depois, curvar para dentro aproximando-se da muralha central <sup>(4)</sup>. Aqui, no espaço entre os limites mais afastado e mais próximo (relativamente à muralha central) da face externa da segunda muralha, encontrámos, ao remover a grande quantidade de pedras ali acumuladas, uma série de toscos degraus <sup>(5)</sup> cuja extensão não nos foi ainda possível reconhecer.

<sup>(4)</sup> Ver fig. 1.

<sup>(5)</sup> Ver fig. 1.

Verificámos que o último degrau (em posição mais elevada) era bastante mais alto que os anteriores e que correspondia à face externa desta segunda muralha; tais degraus não foram pois, construídos, para facilitar a subida ou descida de pessoas.



Fig. 9 — A muralha central e a porta SW.

A análise da base desta segunda muralha na área correspondente a esta estrutura, creio que nos forneceu a resposta da sua existência; a muralha assenta sobre uma rampa natural de granito, na qual o apoio sólido da muralha é muito difícil. Tais degraus (Fig. 8) não são mais do que apoio de reforço à base da muralha. De notar, ainda, que o degrau inferior desta estrutura é constituído por pedras grosseiramente paralelepípedicas e de razoáveis dimensões e, por isso, difíceis de remover; naturalmente que a remoção de algumas das pedras desta estrutura de suporte abalaria irremediavelmente a segurança da segunda muralha admitindo-se que, tanto a saliência do troço anterior

da muralha como a existência do torreão constituíssem estruturas defensivas perfeitamente justificadas pela presença de um sector de maior vulnerabilidade.

### *Espólio*

Como temos vindo a repetir em todos os relatórios das campanhas realizadas desde Setembro de 1974, não é de esperar a recolha de um espólio abundante e variado, quando as tarefas em curso se destinam à reposição, nas paredes das casas e nas muralhas, das pedras que abundantemente se amontoam de um e outro lado da muralha central, principalmente.

No entanto e ao contrário do que seria de esperar, já foram recolhidos, desde 1974, alguns milhares de fragmentos de cerâmica de cor, espessura e constituição muito variada, bem como fragmentos de vasos de vidro, cossoiros, fragmentos de cobre e algumas moedas.

Na campanha de 1982 foram recolhidos 57 fragmentos de cerâmica: 8 fragmentos de fundos, pertencentes a diferentes vasos; 9 fragmentos de bordos, todos pertencentes a outros tantos vasos; 40 fragmentos de partes laterais pertencentes, pelo menos, a seis vasos diferentes; 2 pedaços de escória; 2 fragmentos de cobre laminar com 3,5 cm de comprimento cada um; 2 fragmentos de mós de granito.

*Dos fragmentos de cerâmica merecem referência especial os seguintes:*

Fragmento do fundo de um vaso de grandes dimensões, com um diâmetro de base de, aproximadamente, 30 cm. A espessura é de 3 cm e o seu peso de 1,350 kg. A pasta é cinzento-escura com abundantes materiais detríticos (quartzo, feldspatos e moscovite) resultantes, certamente, da desagregação de rochas graníticas, as mais abundantes na região (Fig. 10).

Fragmento do fundo de um vaso com cerca de 9 cm de diâmetro, formado por uma pasta argilosa fina, esbranquiçado na face interna e acastanhado exteriormente. À vista desarmada nota-se a presença de pequeninos grãos de quartzo e, principalmente, pequeníssimas palhetas de mica branca (moscovite). A espessura lateral é de 7 mm e, no fundo, de 4 mm (Fig. 11-A).

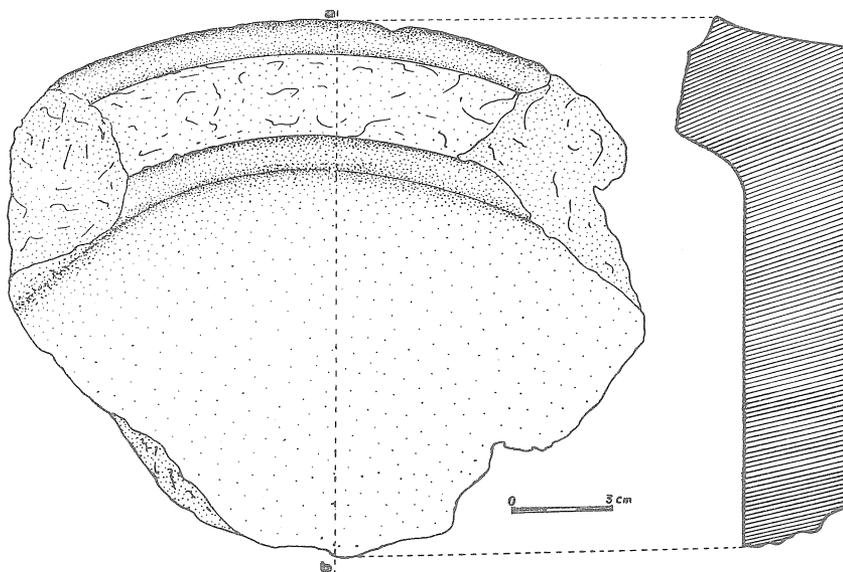


Fig. 10 — Fragmento do fundo de um vaso e com 30 cm de diâmetro.

Fragmento do fundo de um vaso com cerca de 8 cm de diâmetro, de cor acastanhada, formado por fina pasta argilosa e, tal como no caso anterior, abundantes e pequeníssimas palhetas de mica branca. A espessura é de cerca de 7 mm (Fig. 11-B).

Fragmento do fundo de um vaso de maiores dimensões que os anteriores, pois tem o diâmetro cerca de 20 cm. A cor é castanha. A sua espessura lateral é de cerca de 8 mm, e, no fundo, de 1 cm. Dispersos na parte argilosa notam-se, à vista

desarmada, grãos de quartzo de variadas dimensões, predominantemente muito pequenos e pequeníssimas palhetas de mica branca (moscovite) (Fig. 11-C).

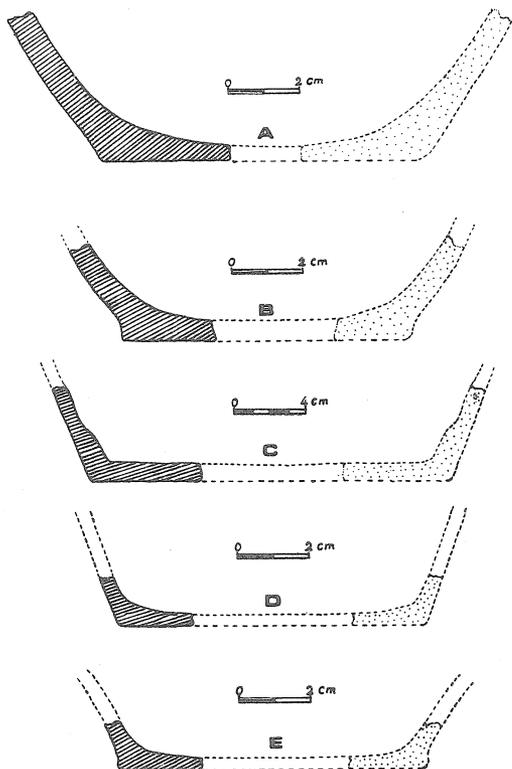


Fig. 11 — Cinco fragmentos de fundos pertencentes a outros tantos vasos.

Pequeno fragmento do fundo de um vaso, com cerca de 8,5 cm de diâmetro, de cor castanho-avermelhada, com uma espessura lateral de cerca de 4 mm e mínima, no fundo, de 3 mm. Possui uma pasta argilosa fina e abundante. À vista desarmada, os únicos elementos detriticos detectáveis são pequeníssimas palhetas de mica branca (Fig. 11-D).

Pequeno fragmento do fundo de um vaso, com cerca de 8,5 cm de diâmetro, de cor acinzentada, com uma espessura lateral de 4 mm e mínima, no fundo, de 3 mm. À vista desarmada os únicos elementos detríticos detectáveis são pequenas palhetas de mica branca, relativamente pouco abundantes (Fig. 11-E).

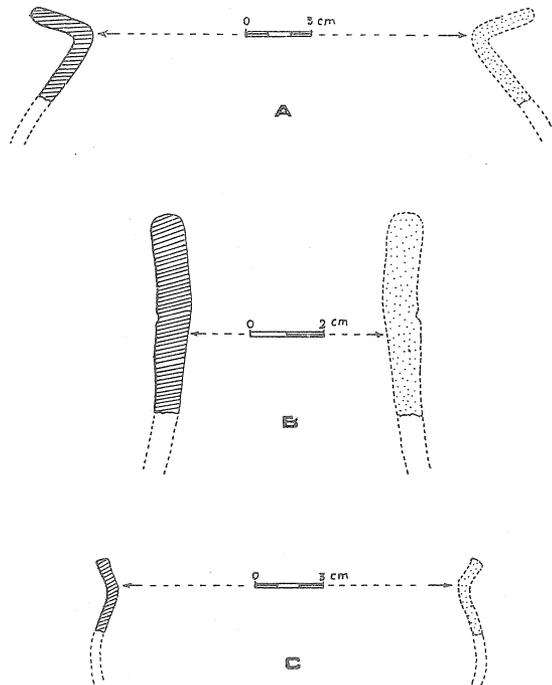


Fig. 12 — Três fragmentos de bordos pertencentes a outros tantos vasos.

Fragmento (bordo) de um vaso com um diâmetro de boca de, aproximadamente 16,5 centímetros. Tem uma cor castanho-clara, uma espessura de 7 mm e abundante material fino, com predominância de pequenos grãos de quartzo (Fig. 12-A).

Fragmento (bordo) de um vaso com cerca de 5,7 cm de diâmetro na boca, de cor branco-amarelada, de aspecto poroso não se identificando, à vista desarmada, grãos de qualquer espé-

cie mineral. Tem uma espessura de 9 mm e, exteriormente, 2,5 cm abaixo do bordo, apresenta um sulco horizontal pouco profundo (Fig. 12-B).

Fragmento de um vaso (bordo), com um diâmetro de boca de cerca de 16 cm, cor cinzento-escuro, espessura de 4 mm notando-se, à vista desarmada, a presença de pequenas palhetas de mica branca (Fig. 12-C).

Deste material recolhido tentaremos fazer algumas reconstituições, mesmo que parciais. Depois de estudado, todo este material dará entrada no Museu da Região Flaviense (Chaves).

Guimarães — Outubro de 1982.

#### TAREFA EM OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1982 POR J. R. S. J.

Também neste ano de 1982 se trabalhou no Castro da Curalha em duas tarefas. A primeira por A. M. F. no mês de Setembro, e a segunda por J. R. S. J. de 29 de Outubro a 4 de Novembro.

Em 29 de Outubro cheguei a Chaves.

No dia 30 fui à Curalha com o Dr. Adérito Medeiros Freitas que veio de Carrazedo de Montenegro onde estava a passar o fim de semana.

Com este dedicado companheiro no estudo do Castro da Curalha fomos ver, mais uma vez, o que ele fez na campanha do mês de Setembro, em que pôs a descoberto a base da segunda muralha num comprimento de mais de 30 m, e que refez com a muita pedra caída de um e do outro lado da mesma.

Esta segunda muralha está a mostrar algumas particularidades de muito interesse, como A. M. F. realça no relato da sua tarefa publicado neste mesmo artigo.

Demos uma volta pelo castro. Em troca de impressões, programámos os trabalhos a fazer na campanha de 1983.

Infelizmente, por várias razões, e especialmente por falta de pessoal, os trabalhos não poderão realizar-se com a amplitude e a profundidade que impõe a natureza daquele castro. Aquilo que já foi descoberto em 7 campanhas é garantia de que, com o prosseguimento do seu estudo e restauração, aquele castro virá a ocupar lugar de certo realce no grupo dos monumentos arqueológicos proto-históricos do norte do nosso País.

Na aldeia da Curalha procurei, sem êxito, conseguir jornaleiros para alguns dias de trabalho.

Só havia possibilidade de contratar raparigas.

Como o serviço no reduto intramuralha continua a ser especialmente o corte e arranque do mato o serviço pode ser feito por mulheres.

O Sr. Eng.º Branco Teixeira, prestigioso Presidente da Câmara Municipal de Chaves prontamente aceitou a emprestar ferramentas, como nos anos anteriores, e pôr à nossa disposição o jeep da Câmara para nos levar à Curalha e ir-nos buscar ao fim da tarde.

Aproveitei o ensejo para fazer grata referência ao Sr. João Baptista Martins, vereador do Pelouro da Cultura que sempre nos tem ajudado a resolver problemas que surgem e a aplanar dificuldades sempre que ocorrem.

A tarefa programada para esta minha tarefa compreendia essencialmente levar por diante a limpeza do mato à volta das paredes das casas que foram descobertas na minha campanha do ano passado, quatro a norte do pinheiro manso e a outra a sul do pinheiro.

Um das dessas paredes, as do norte do pinheiro estavam indicadas por fiadas de pedras soltas. Afastaram-se bastantes daquelas pedras soltas e descobriu-se a base da parede em perfeito estado de conservação. Suposemos tratar-se da parede frontal de grande casa rectangular, de que ainda se puseram a descoberto duas fiadas de pedras soltas apontadas à muralha, consideradas indicadoras das paredes laterais dessa

grande casa. Supus tratar-se de uma grande casa como escrevi no relato da minha tarefa no Castro da Curalha em Outubro de 1981 na pág. 284 de *O Castro da Curalha — 7.<sup>a</sup> campanha de escavações — 1971*, por A. M. F. & J. R. S. J., in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. II, vol. 24, Porto, 1982, págs. 265-291, 24 Figs. A Fig. 23 da pág. 289 mostra o alinhamento de pedras soltas, esboroadas a indicar «a parede fronteira de uma ou mais casas».

A outra Fig. 24, na mesma página mostra outro alinhamento de pedras soltas, o desmoronado da parede lateral da casa de que vimos a parede fronteira.

Na campanha de 1982 prosseguiu-se na limpeza do mato que cobria aquele alinhamento que levamos até 25 m.

Aquilo que tínhamos descoberto apenas com 10 m de comprimento, é, sem dúvida, parede fronteira não de uma casa mas de pelo menos 2 casas (Fig. 13) a que seguem mais 2.

A primeira destas 4 casas está a 5 m da porta do lado norte e fica a uns 25 m do pinheiro manso.

Em frente e junto da casa n.º 4, a do lado nascente, foi encontrada e arrancada uma grande pedra talhada em tronco de pirâmide quadrangular com 70 cm de altura, base rectangular com lados de 35 × 42 cm, no topo cimeiro um pequeno rectângulo, um pouco mais pequeno que o da base.

Não houve tempo de averiguar se as paredes meiras daquela fiada de 4 casas vão ou não entestar na muralha. A série das casas de um e do outro lado da porta do nascente todas estão encostadas à muralha que lhe serve de parede de fundo. Por isso é de crer que nas 4 casas agora descobertas suceda o mesmo.

Mas no troço da muralha correspondente aquelas 4 casas há uma rampa de acesso à mesma (Fig. 13). Isto parece implicar a existência ao longo da face interna da muralha de uma faixa livre de construção com pelo menos um metro a um metro e meio de largura, que, pode dizer-se, seria como que o caminho de ronda.

A situação das paredes fundeiras destas 4 casas é um dos temas a procurar esclarecer em próxima campanha de trabalhos, bem como ver se a comprida parede fronteira das 4 casas, que já tem 25 m de comprimento, se continua. Se tal se der provavelmente aparecerão mais casas, o que talvez determi-

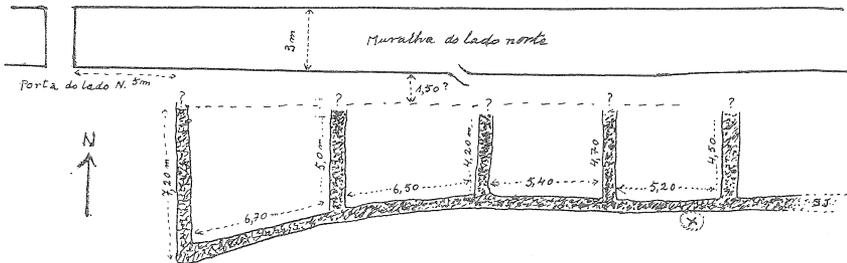


Fig. 13 — Série de 4 casas ao longo da face interna da muralha. A cruz marca o sítio onde se densenterrou uma pedra em tronco de pirâmide com 70 cm de alto e base rectangular de  $42 \times 35$  cm.

nará a junção com a fiada das pelo menos 6 ou 7 casas que, à direita da entrada da porta do lado nascente, se estendem em fiada, encostadas à face interna da muralha que também lhes faz da parede fundeira.

Fiadas de pedras soltas foram descobertas na campanha de 1981 a sul do pinheiro manso, e sensivelmente no mesmo alinhamento N S das 4 casas que acabamos de referir.

A casa é rectangular, tem 10 m de comprimento por 4 m de largura.

É dividida em dois compartimentos por uma paredinha com 2,75 m de comprimento por 90 cm de largura, que deixa uma passagem de quase metro e meio de largura (Fig. 14).

O compartimento que se encosta à muralha é o maior; tem 5,10 m de comprimento por 4,0 m de largura.

O outro é um quadrado com 4,0 m de lado.

As paredes estão indicadas por montões de pedras em fiada, o que, por não ter sido possível remover tanta pedra, não se conseguiu averiguar a largura das mesmas.

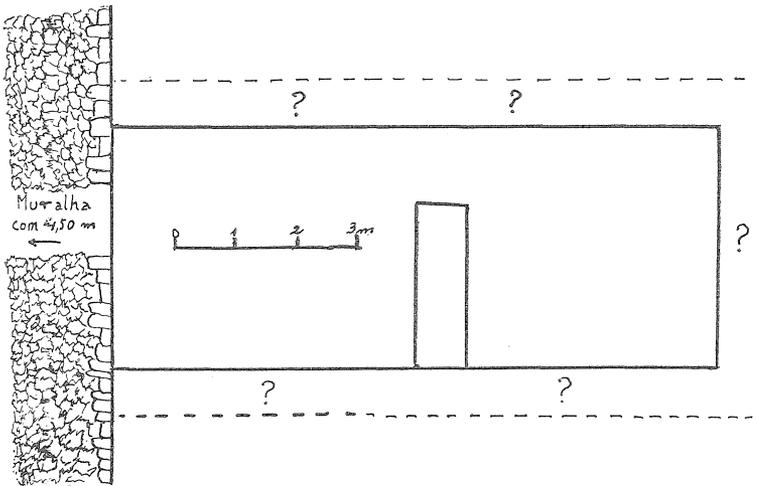


Fig. 14.— Casa com dois compartimentos na vertente sul do reduto castrejo.

Se bem que não se tenha dado conta de outros vestígios de paredes é bem possível que na face interna da muralha do lado sul haja mais casas a ela encostadas.

Para já contam-se no castro 22 casas: isoladas apenas 4; uma quadrada, e sensivelmente a meio do terreiro intramuralha; outra circular sobre os rochedos que, ao lado do pinheiro manso dominam o reduto castrejo; duas rectangulares das quais uma junto do lado interno da porta norte e a outra, também entestada à face interna da muralha, cerca de 12 m abaixo da anterior. Todas as outras são rectangulares ou subquadradas, pegadas à muralha e com paredes meeiras; 5 em fiada a meio da metade do lado poente junto e abaixo da casa quadrada, as

restantes, de um e do outro lado da porta leste, todas encostadas à muralha, que lhe faz as vezes de parede fundeira.

Verifica-se que a maioria das casas se encontram pegadas com paredes meeiras, e como que ordenadas segundo um plano urbanístico, particularidade encontrada nos castros durante o séc. IV. Pode por isso atribuir-se àquele castro cronologia tardia. No entanto, e repetindo o que se disse de entrada, enquanto não se fizerem escavações sistemáticas não se pode aventar com segurança a sua cronologia que talvez se estenderá ao período suévico.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Maio de 1981.